

Delfim, Galvêas, Langoni: os 3 patetas da economia

De HELIO FERNANDES

BASTOU a balança comercial aparecer com a possibilidade de um saldo de 200 milhões de dólares (uma ninharia no mar colossal das nossas necessidades) para o sr. Ernâne Galvêas, o homem do bigodinho ridículo, vir a público dizer bobagens inacreditáveis. A menor de todas: em 1985 o Brasil estará com um saldo de 8 bilhões de dólares na balança comercial. Ha! Ha! Ha!

MAS COMO é que alguém num mundo tumultuado como o de hoje pode fazer uma previsão com 4 anos de antecedência? Só mesmo um incompetente total como o sr. Ernâne Galvêas. E onde é que ele se apóia para fazer essas previsões, para apresentar esses números com tanta segurança? De onde vieram esses números? Ninguém sabe nem o sr. Ernâne Galvêas explica. Ele parte apenas de um saldo ainda não comprovado na balança comercial (Não confundir com balanço de pagamentos que é um tabu e no qual ninguém fala) de 200 milhões de dólares e pula para um total de 8 bilhões de dólares. Mas para daqui a 4 anos, em 1985. E como é que alguém pode fazer uma previsão dessas, sem qualquer base, sem apoio, sem a menor sustentação?

QUANDO o sr. Rischbieter disse no início de 1979 que o déficit na balança comercial desse mesmo ano seria de 3 bilhões de dólares, Galvêas, Delfim e todos os outros caíram em cima de Rischbieter e só ficaram satisfeitos quando ele foi demitido. Rischbieter foi demitido, Ernâne Galvêas ficou com o cargo dele (afinal, nesta incrível República, sempre alguém está patrulhando o outro, quando mais não seja para sucedê-lo), chegou o final de 1979 e estava lá no placar: déficit de 3 bilhões de dólares na balança comercial. Mas afinal, Rischbieter não podia mesmo errar, pois ele estava municiado pelos economistas do Chase dos Estados Unidos e todos sabem que o Chase que tem os maiores economistas do mundo.

MAS SE RISCHBIETER era invulnerável pois estava municiado pelos economistas do Chase, o sr. Ernâne Galvêas está municiado por ele mesmo, o que significa que está completamente desarmado em matéria de números, de dados, de informações. No máximo o sr. Ernâne Galvêas é "informado" pelo sr. Delfim Netto o que seria de morrer de rir se não estivessem jogando com o futuro do Brasil e de 120 milhões de brasileiros. Isso hoje, pois em 1985, quando Galvêas diz que teremos um saldo comercial de 8 bilhões de dólares, já seremos 150 milhões de habitantes num País completamente vazio, desocupado, imenso, com fantásticas porções de terras, que são dadas a estrangeiros e negadas miseravelmente aos próprios brasileiros que querem trabalhar e produzir. E sem produzir, como é que o sr. Ernâne Galvêas vai arranjar esses 8 bilhões de dólares de saldo nem que seja em 1985?

VEJAMOS se com alguma imaginação, cálculos e comparações, chegamos lá onde o sr. Ernâne Galvêas chegou tão apressadamente. Em 1980, no ano passado, exportamos 20 bilhões de dólares. Fizemos das tripas coração, varremos as migalhas da mesa do trabalhador, roubamos até a comida do pobre e ainda assim não exportamos mais do que 20 bilhões de dólares em 1980. (Não chegamos sequer a 20 bilhões, ficamos em 19 bilhões 900 e poucos milhões de dólares, mas vamos arredondar a favor para que não digam que estamos com má vontade). Mas foram 20 bi-



ERNANE GALVÊAS

Um dos três patetas da economia nacional (?) ou multinacional?
Não sabe dizer o que acontecerá em dezembro, mas faz previsões para 1985. Que República.

lhões de dólares falsos, 20 bilhões de dólares mentirosos, 20 bilhões de dólares que valiam muito menos, pois as exportações foram todas subsidiadas, eram realizadas quase todas por grupos multinacionais. Assim, no papel e nas estatísticas estavam realmente consignados 20 bilhões de dólares, mas na verdade estávamos muito abaixo disso. Pois o café, a soja, o algodão, o açúcar, o milho, o automóvel, o minério, o ferro, o manganês, tudo que mandávamos para fora do País recebia um incentivo do governo, era subsidiado pelo governo, ganhava uma bonificação do governo. Sem falar que como os grandes exportadores de tudo são as multinacionais, elas ganham mais do que nós, recebem comissões na hora e comissões depois, engordando o seu balanço anual e permitindo a remessa para fora do Brasil de parcelas importantes que vão desfalcar as nossas reservas e desmoralizar as nossas estatísticas.

E HA MAIS: só no caso da soja, depois de ter vendido toda a exportação a preços de liquidação, tivemos que comprar óleo de soja, gastando mais com a compra desse óleo de soja do que receberemos com a venda da própria soja. Uma coisa inqualificável.

ISSO FOI EM 1980. Agora em 1981, com todo o esforço do governo, com toda a mobilização, com quase todos os Ministros vivendo mais no exterior do que aqui mesmo no Brasil, o que é que conseguimos? Aumentamos as exportações nuns miseráveis 20 por cento, se é que chegaremos lá. Estamos oscilando entre 24 e 25 bilhões de dólares, sem poder estabelecer o total certo de 1981 que é amanhã, mas o sr. Ernâne Galvêas já se adianta e faz previsões para 1985. Que gênio. Que luminosidade. Que competência. Que conhecimentos. Que Herman Khan mais magro está nos saíndo esse ridículo Ministro da Fazenda. Não consegue enxergar os números de 1981 mas vê com rigorosa e absoluta clareza os resultados de 1985.

MAS É PRECISO mostrar a nudez desavergonhada do Ministro da Fazenda, para ver se conseguimos enquadrá-lo em alguma contravenção ou mesmo crime que possa provocar a sua demissão. Pois o que não é possível é que o Brasil consiga sobreviver com tantas crises e com Delfim e Galvêas; o que não é provável é estabelecer uma convivência próspera entre a incompetência de Delfim e Galvêas e as nossas necessidades cada vez mais prementes. O que não é imaginável, é que o Brasil consiga se salvar desse mar de incompetências enquanto Delfim e Galvêas naufragam acorrentados e puxados pelos pesos que eles mes-

mos colocaram em volta do corpo. Mas se não conseguimos demitir Galvêas (e Delfim, pois um é a imagem incompetente do outro, é a projeção ridícula do outro) por incompetência e inutilidade, pelo menos tentemos enquadrá-lo por atentado ao pudor. Pois nestes tempos de permissividade sexual, falsificação de números, de dados e de estatísticas pode muito bem ser classificada como atentado ao pudor. Não é possível que alguém minta tanto e tão impunemente à Nação, sem que nada lhe aconteça. É demais. É inacreditável. É impressionante. Que República.

HA MAIS de 1 ano afirmei aqui mesmo, com números e projeções irrefutáveis (e que sendo irrefutáveis naturalmente não foram refutadas) que as 8 usinas nucleares contratadas na Alemanha custariam ao Brasil 50 bilhões de dólares, FORA OS REAJUSTAMENTOS. Corri o Brasil todo fazendo conferências, debatendo, dialogando sobre os grande problemas brasileiros, inclusive esse, estarcedor das usinas nucleares. Ninguém acreditava que o Brasil pudesse ter enlouquecido a ponto de ter comprado por 50 bilhões de dólares em 8 anos, FORA OS REAJUSTAMENTOS, essas 8 malditas usinas nucleares. Pois agora o Presidente da Nuclebrás confessa candidamente a falsificação dos números, já chega perto dos 50 bilhões de dólares. E quando ele fizer uma nova confissão e chegar aos 50 bilhões de dólares, então já teremos pulado para uma importância muito maior, pois estamos sendo massacrados pelos juros, pelos reajustamentos, pela Assistência Técnica, pelos Royalties, pela voracidade de todas as multinacionais e pela passividade precisamente daqueles que deveriam defender os interesses nacionais. E ainda há mais e muito mais grave: não existe uma só pessoa no mundo, no momento, EM CONDIÇÕES DE DIZER O QUE A ALEMANHA ESTÁ NOS VENDENDO EM MATÉRIA DE USINA NUCLEAR E O QUE O BRASIL ESTÁ COMPRANDO. Que República.

AGORA vem esse paspalhão de bigodinho ridículo, um dos três patetas da área econômica e financeira e diz que o Brasil terá um saldo comercial de 8 bilhões de dólares em 1985. Mesmo que isso fosse verdade, e não é de maneira alguma, teria que verificar quanto estaremos pagando só de juros nesse mesmo ano de 1985. No mínimo, no mínimo, uns 35 bilhões de dólares. Isso fazendo um cálculo bem por baixo, para não soterrar os magros 8 bilhões imaginários do sr. Galvêas pelos verdadeiríssimos 35 bilhões de dólares dos juros da nossa dívida externa.